Marion Brepohl*
Jaciel Rossa Valente**
Roseli Boschilia***

DOI: 10.32334/oqnfp.2024n55a992

Entrevista com o Dr. Celso Lafer acerca da recepção da obra da Hannah Arendt

Interview with Phd. Celso Lafer on the reception of Hannah Arendt's work

Resumo

A presente entrevista tem como temática a recepção da obra da Hannah Arendt no Brasil e o desenvolvimento de sua fortuna crítica. Empregando a metodologia da história oral com roteiro semiestruturado, entrevistamos o Dr. Celso Lafer, o único ex-aluno brasileiro de Arendt, grande protagonista no processo de tradução dos livros de Arendt na década de 1970 e 1980. O pensador, de forma definitiva, colaborou com textos significativos para a ampliação da fortuna crítica arendtiana no Brasil em todos os campos do saber. Objetivando coletar informações, transcrevê-las e disponibilizá-las para toda a rede de pesquisadores arendtianos, concebemos a entrevista como a criação de uma fonte histórica inédita sobre a temática.

Palavras-chave: Celso Lafer. Hannah Arendt. Recepção.

* Universidade Federal do Paraná (UFPR).mbrepohl@yahoo.com.br
** Universidade Federal do Paraná (UFPR).roseli.boschilia@gmail.com
*** Universidade Federal do Paraná (UFPR). jacielvalente@gmail.com

Recebido em: 25/09/2024 Aceito em: 26/03/2025

Abstract

This interview is about the reception of Hannah Arendt's work in Brazil and the development of her critical fortune. Using oral history methodology with a semi-structured script, we interviewed PhD. Celso Lafer, Arendt's only Brazilian former student. Lafer was the main protagonist in the process of translating Arendt's books in the 1970s and 1980s. The thinker collaborated with significant texts to expand Arendt's critical fortune in Brazil in all fields of knowledge. Our aim was to collect information, transcribe it and make it available to the entire network of arendtian researchers. In this way, we see the interview as creating an unprecedented historical source on the subject.

Keywords: Celso Lafer. Hannah Arendt. Reception.

Introdução

Celso Lafer graduou-se em Direito pela Universidade de São Paulo (USP) em 1964, concluiu o mestrado em 1967 e o doutorado em 1970, ambos em Ciência Política pela Universidade Cornell nos Estados Unidos. Alcançou a titulação de livre docente em Direito Internacional Público pela USP em 1977, tendo ingressado como professor titular de Filosofia do Direito na mesma universidade, em 1988.

Já na esfera empresarial e política, podemos destacar sua participação no Conselho de Administração da Metal Leve, no período de 1971 a 1993, e a ocupação do cargo de presidente deste Conselho, nos anos de 1993 a 1995. Foi também vice-presidente da Papelão Ondulado do Nordeste entre 1971 a 1977, permanecendo como membro do Conselho Administrativo da mesma empresa no período de 1977 a 1984.

No âmbito da política, foi ministro de Estado das Relações Exteriores no Brasil em 1992, e vice-presidente ex-officio da Conferência da Organização Internacional das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, a chamada Rio-92. Foi Embaixador, Chefe da Missão Permanente do Brasil junto às Nações Unidas e à Organização Mundial do Comércio em Genebra, de 1995 a 1998. Presidiu o órgão de Soluções de Controvérsias da Organização Mundial do

Comércio em 1996. Ocupou o cargo de ministro do Estado do Desenvolvimento, Indústria e Comércio em 1999, e voltou a ser ministro de Estado das Relações Exteriores, de 2001 a 2002.

No campo acadêmico, presidiu a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) de 2007 a 2015, sendo membro da Corte Permanente de Arbitragem, em Haia, de 2002 a 2024, da Academia Brasileira de Ciências, desde 2004, e da Academia Brasileira de Letras, desde 2006.

Foi laureado Doutor Honoris Causa pela Universidade de Buenos Aires em 2001, pela Universidade Nacional de Córdoba em 2002, pela Universidade de Três de Fevereiro em 2011, pela Universidade de Lyon 3- Jean Moulin em 2012, pela Universidade de Haifa, pela Universidade de Birmingham em 2014, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) em 2022, e pela Universidade de Caxias do Sul em 2023. No Brasil foi laureado Professor Emérito da Universidade de São Paulo em 2014, do Instituto de Relações Internacionais em 2012 e da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo em 2018.

Detentor de uma trajetória acadêmica, empresarial e política amplamente significativas, Celso Lafer foi aluno da grande pensadora Hannah Arendt na década de 1960 e, a partir de 1970, dedicou-se a introduzie e a irradiar o seu pensamento no Brasil. O pensador inaugurou a recepção da obra de Arendt com a tradução do livro *Entre o passado e o futuro* em 1972. Na ocasião, dedicou o prefácio *Da Dignidade da política*, texto fundamental para os leitores que desconheciam a figura de Arendt[1]. Em 1973, promoveu uma nova tradução de *A Crise da república* e, a convite de seu amigo Marcos Margulies, instigou a tradução do célebre livro *Origens do totalitarismo*, assinando o prefácio, *O Antissemitismo, os judeus e o mundo moderno*[2].

Já na década de 1980, chegaram ao Brasil novas traduções, as quais contaram com a participação efetiva de Lafer: *A Condição humana*, em 1981, texto ao qual também dedicou um prefácio[3], e *Homens em tempos sombrios,* em 1987,

---

1 Lafer, Celso. Da dignidade da política. In: Arendt, Hannah. *Entre o passado e o futuro.* Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016 [1972], p. 9-27.

2 Lafer, Celso. O Antissemitismo, os judeus e o mundo moderno. In: _____. *Hannah Arendt:* pensamento, persuasão e poder. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018d [1975], p. 143-156.

3 Lafer, Celso. A Política e a condição humana. In: Arendt, Hannah. A *Condição humana.* Tradução Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 341-352 [publicado originalmente em 1981].

ao qual contribuiu com um posfácio intitulado *Hannah Arendt: vida e obra*[4]. Tal posfácio merece destaque por ter sido inspirado na primeira biografia de Arendt, *Por Amor ao mundo*, de Young-Bruehl[5]. Lafer, partindo das mesmas bases de Bruehl, mesclou seu próprio depoimento sobre Arendt e buscou compilar um quadro da atualidade do pensamento arendtiano para aquele momento.

Somado a tais acontecimentos, não podemos deixar de destacar a publicação do livro *Hannah Arendt: pensamento, persuasão e poder*, de 1979[6], e A *Reconstrução dos direitos humanos: um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt*, de 1988[7]. Ambos se configuram como marco da fortuna crítica arendtiana no Brasil, já que são obras incontornáveis para os jovens pesquisadores, ambas fornecendo um solo firme e fértil para diferentes gerações de estudiosos arendtianos. Dessa forma, podemos afirmar que Celso Lafer contribuiu para as pesquisas de Adriano Correia, André Duarte, Bethania Assy, Cláudia Perrone-Moisés, Eduardo Jardim, Marion Brepohl, Sônia Maria Schio e tantos outros estudiosos arendtianos.

Contudo, a análise da recepção e do desenvolvimento da fortuna crítica da obra de Arendt no Brasil permanece pouco explorada. Somente a entrevista concedida a Eduardo Jardim por Celso Lafer, em 2011, procurou levantar dados sobre essas temáticas[8]. Durante a nossa pesquisa de mestrado, buscamos realizar um levantamento de toda essa fortuna crítica produzida no Brasil. Todavia, esse conteúdo, incorporado à dissertação, ficou restrito ao campo da História, o que apresenta limitações significativas. Destarte, contactamos Celso Lafer e solicitamos-lhe uma entrevista. Empregando a metodologia da história oral com roteiro semiestruturado, entrevistamos Lafer acerca da recepção e fortuna crítica arendtiana, objetivamos coletar informações, transcrevemo-as, e nos dispusemos a incorporar uma vasta quantidade de

---

4 Lafer, Celso. Hannah Arendt: vida e obra. In: Arendt, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [1987], p. 191-312.

5 Young-Bruehl, Elisabeth. *Por amor ao mundo:* a vida e a obra de Hannah Arendt. Tradução Antônio Trânsito. Revisão Técnica Eduardo Jardim de Moraes. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

6 Lafer, Celso. *Hannah Arendt:* pensamento, persuasão e poder. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018c.

7 Lafer, Celso. *A Reconstrução dos direitos humanos:* um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

8 Lafer, Celso. Entrevista a Eduardo Jardim sobre a obra de Hannah Arendt. In: _____. *Hannah Arendt:* pensamento, persuasão e poder. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018a, p. 329-348 [publicado originalmente na revista *O que nos faz pensar*?: 2011].

informações contextuais com o intuito de produzir uma fonte histórica que pudesse contribuir para a diminuição da referida lacuna. Assim, o encontro presencial com o Dr. Celso Lafer deu-se no dia 07 de novembro de 2022, na rua Brigadeiro Faria Lima, 1306, São Paulo, em seu escritório no décmo andar.

Entrevista

1 - Gostaríamos de iniciar sabendo um pouco mais sobre a vida dos seus pais e sua relação com eles.

DR. CELSO LAFER: Bom, meu pai[9] era um advogado, empresário, formado pela Faculdade de Direito aqui de São Paulo. Foi atuante, inclusive no Paraná, porque participou das atividades da Klabin e eu também. Por conta disso, muito jovem o acompanhei, passava férias etc e tal. Então, em certo sentido, o Paraná também está próximo à minha experiência de vida e à minha formação. Minha mãe[10] foi professora, normalista, trabalhou na delegacia de ensino do estado de São Paulo numa época em que havia uma renovação dos métodos de educação, a época da Escola Nova, com Doutor Fernandes de Azevedo, os defensores da Escola Nova e dos novos métodos pedagógicos. Ela trabalhou na delegacia do ensino de Araraquara, depois em Campinas e depois, naturalmente, quando se casou com meu pai, ela veio para São Paulo. Acho que os meus pais tiveram influência muito significativa na minha vida e na minha formação. Então, acho que com meu pai aprendi muito, trabalhei com ele durante muitos anos, aprendi que o Direito representa uma forma de resolver problemas. Com a minha mãe, eu acho que eu tive sempre a inspiração da vocação pedagógica. Eu me formei na Faculdade de Direito de São Paulo, do Largo de São Francisco, como meu pai, de maneira que eu acho que a atenção da faculdade sempre teve um papel relevante na minha visão das coisas e na minha experiência.

9 Abrahão Jacob Lafer.

10 Beila Pilnik

2 - Quais foram os principais ideais ou pensamentos que o guiaram nesse início de carreira no curso de Direito?

DR. CELSO LAFER: Eu estudei na faculdade de 1960 a 1964, em um período muito intenso na vida pública brasileira, assinalado por muitas discussões sobre os caminhos do país, inclusive sobre os rumos da política externa e esta grande discussão sobre como conciliar desenvolvimento com democracia. Isso me levou, depois de formado, a querer estudar de maneira mais organizada Ciência Política, o que realizei nos Estados Unidos, na Universidade de Cornell.

3 - O professor comentou que concluiu a graduação em Direito em 1964. Depois se direcionou para os Estados Unidos onde realizou o Mestrado e o Doutorado em Ciência Política. Quais foram os motivos que o levaram a cursar Ciência Política e por que na Universidade de Cornell?

DR. CELSO LAFER: Dessa história de universidade, são poucas as circunstâncias que levam a gente a ir para um lugar ou para outro. Eu fui aceito em mais de um lugar, mas acabei achando que Cornell seria um lugar muito apropriado. Para a pergunta primeira que você me fez, eu acabei escrevendo a minha tese de doutorado sobre o programa de metas do governo Juscelino. Então, o que me motivou foi: como o governo de Juscelino, com inspiração democrática e vontade de realizar, tomou a decisão de planejar, identificou as metas e levou adiante com imaginação administrativa e criatividade política o programa de metas? Então, a minha tese chama-se *The Planning process and the political system in Brazil: a study of Kubitschek target plan.* Eu encerrei a tese em 1970. Ela teve uma divulgação restrita, mas nem por isso menos relevante, no meu entender, pelo *Latin American Institution*, ensino de Cornell. Eu quis publicá-la no Brasil à época, mas foi difícil porque vivíamos o tempo do regime militar, censura, administrações, restrições, de maneira que o que eu publiquei da tese no momento inicial foram os aspectos mais técnicos. Enfim, como foram identificadas as metas, de que maneira Juscelino encontrou as soluções administrativas para implementá-las pelos grupos executivos e pelo BNDE. A tese como tal só foi publicada em português no centenário do lançamento do Juscelino, em 2002, pela Editora da Fundação Getúlio Vargas[11]. O prefácio da tese é uma carta que ele me escreveu quando eu lhe enviei a tese.

---

11 Referência da tradução: Lafer, Celso. *JK e o programa de metas (1956-1961):* processo de planejamento e sistema político no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

Eu tinha entrevistado Juscelino sobre a tese, em New York, quando ele estava morando lá. A carta é extremamente simpática, dizendo que eu fui o primeiro que, no trabalho organizado, explicou o que ele tentou fazer e que, depois do governo dele, se viu afetado pelas turbulências do nosso país. Claro que as entrevistas com Juscelino para a feitura da tese ocorreram muito bem, foram muito interessantes. Juscelino era uma pessoa encantadora no trato pessoal e com muita clareza sobre o que quis fazer e o que era o papel dele na vida brasileira. Claro que também havia uma confiança que se viu facilitada porque o meu tio, Horácio[12], tinha sido Ministro das Relações Exteriores do governo dele. Ele sabia que eu fazia parte, vamos dizer assim, da família política dele. Então, quando foi o Centenário Juscelino, alguma comissão celebrando o Centenário, da qual eu fiz parte, alguma coisa no governo Fernando Henrique, organizada pelo Weffort[13] que era o ministro da Cultura. Eu fazia parte. Várias outras pessoas faziam parte, inclusive Maristela, filha do Juscelino. Vem, ainda, uma grande discussão sobre fazer isso, fazer aquilo. A Maristela dizia: "olha, vamos fazer como o Celso sugere". Aí os outros perguntaram: "mas por que que vamos fazer como o Celso sugere?". Ela respondia: "porque papai costumava dizer que o Celso entendia mais do governo dele do que ele mesmo". Não é que fosse este o caso, mas era o que ele comentava em casa e foi aquilo que ela transmitiu. Então, eu fiz vários estudos nos Estados Unidos sobre a administração pública, planejamento, gestão etc e tal, mas não fiquei apenas nisso, também me dediquei ao estudo das relações internacionais que depois foi algo que desenvolvi como estudioso das relações internacionais e mais adiante como alguém que teve a oportunidade de exercer a responsabilidade diplomática[14]. Mas, eu também me interessei pela teoria política e foi por

---

12 Horácio Lafer foi um advogado, filósofo, empresário, diplomata e político filiado ao PSD. Foi Deputado Federal pelo estado de São Paulo, ministro da Fazenda de 1951 a 1953 e ministro das Relações Exteriores do Brasil de 1959 a 1961.

13 Francisco Correia Weffort foi um professor, acadêmico e cientista político. Sua carreira compartilha muitos momentos similares a de Celso Lafer. Doutorou-se em Ciência Política pela Universidade de São Paulo com a tese *Populismo e Classes Sociais* e obteve o título de livre-docência com a tese *Sindicatos e Política* em 1977. Foi ministro da Cultura do Brasil de 1995 a 2003.

14 Celso Lafer exerceu no aparato político brasileiro ofício diplomático quando assumiu como ministro das Relações Exteriores do Brasil e vice-presidente ex-officio da Conferência da Organização Internacional das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, ambos em 1992. Após esse tempo, foi embaixador e chefe da Missão Permanente do Brasil junto às Nações Unidas e à Organização Mundial do Comércio em Genebra, de 1995 a 1998. Presidiu o órgão de Soluções de Controvérsias da Organização Mundial do Comércio em 1996. Ocupou o cargo de ministro de Estado do Desenvolvimento, Indústria e Comércio em 1999 e voltou a ser ministro das Relações Exteriores, de 2001 a 2002.

ter me interessado pela teoria política que no primeiro momento, quando eu cheguei e vi que era Arendt quem iria ministrar um curso de pós-graduação, eu me inscrevi, quer dizer, eu já sabia quem ela era. Evidentemente, eu tinha feito alguma leitura das *Origens do totalitarismo* e tinha, por conta disso, a convicção de que ter a oportunidade de estudar com ela seria uma grande coisa.

4 - O Senhor afirmou que, quando ouviu que Arendt iria ministrar esse curso, logo se inscreveu e que já conhecia um pouco do trabalho dela por conta das Origens do totalitarismo. Você poderia falar um pouco mais sobre esse encontro inicial com ela?

DR. CELSO LAFER: Olha, as aulas do curso eram numa sala da *Only Library*, uma grande biblioteca de pós-graduação. Era uma sala muito simpática e o número de alunos não era grande, eram uns 20, mais ou menos. Era um grupo pequeno e aí, enfim, tivemos o primeiro contato com ela. Ela era uma pessoa elegante, mais europeia no vestir do que os professores americanos. Naquela ocasião ela perguntou: "olha, eu tenho alguns cursos que eu posso oferecer e submeto a vocês a escolha do curso que vocês querem". Eu descrevo os cursos que ela podia oferecer e eram fantásticos. Isso incluía a Revolução Americana, incluía Kant, incluía Aristóteles, uma muito abrangente visão das coisas que estavam muito ligadas ao repertório dela. Mas um dos cursos a que ela se propôs e que nós achamos que queríamos fazer era esse sobre *Experiências políticas do século XX* e que foi um curso fascinante[15]. Ela diz no prefácio de *Entre o passado e o futuro*, numa pequena referência, meio elíptica, de que se poderia fazer uma tentativa de compreensão do século XX através de uma biografia imaginária de alguém que nasceu no final do século XIX, e foi vivendo as diversas experiências que caracterizaram o século XX[16]: a Primeira Guerra

---

15 Celso Lafer pleiteou, com sucesso, a inscrição no curso *Government 561* de Hannah Arendt na Universidade de Cornell em 1965. Arendt estabeleceu como tema *Experiências políticas do século XX*. Lafer relatou o impacto que o curso teve em sua trajetória acadêmica e pessoal em três significativos textos. Referências: Lafer, Celso. Introdução à primeira edição (1979). In: _____. *Hannah Arendt:* pensamento, persuasão e poder. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018e, p. 15-22. Lafer, Celso. Reflexões de um antigo aluno de Hannah Arendt sobre o conteúdo, a recepção e o legado de sua obra, no 25º aniversário de sua morte. In: Moraes, Eduardo Jardim de.; Bignotto, Newton. (Orgs.). *Hannah Arendt:* diálogos, reflexões, memórias. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, p. 11-34. Lafer, Celso. Experiência, ação e narrativa: reflexões sobre um curso de Hannah Arendt. In: _____. *Hannah Arendt:* pensamento, persuasão e poder. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018b [2006], p. 51-74.

16 Celso Lafer refere-se à seguinte passagem: "caso fosse preciso escrever a história intelectual de nosso século, não sob a forma de gerações consecutivas, onde o historiador deve ser literalmente

Mundial, pós-Primeira Guerra Mundial e Revolução Russa. Depois menciona a ascensão do Nazismo, as frentes populares, a Guerra Civil Espanhola, a descoberta da energia nuclear e da bomba atômica e o que foi o pós-Segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos, que é um pouco o aflorar do macarthismo. Esse curso era muito interessante em todos os sentidos. A primeira razão era a metodologia, ela dava umas indicações bibliográficas contendo livros mais especificamente históricos: o livro do Hajo Holborn[17], *The Political Collapse of Europe*, e depois o livro do Raymond Aron[18] sobre a Primeira Guerra Mundial[19], que era a história da descoberta, a surpresa técnica da inovação tecnológica na condução da Guerra. Depois um livro do Faulkner sobre a Primeira Guerra Mundial[20] e, assim, ela foi se valendo das pinturas que surgiram no pós-Primeira Guerra Mundial. Sobre a produção artística, ela gostava naturalmente muito de Brecht, Thomas Mann, o livro do Hemingway - *Por quem os sinos dobram*, muito especialmente o livro do Malraux sobre *A Condição humana*, os textos dos processos de expurgo de Moscou, e assim por diante. Então, era um livro, vamos dizer assim, que ela dizia: "muito daquilo que eu vou contar se baseia na minha experiência, muito se baseia na experiência dos meus contemporâneos, naturalmente, é algo muito distante da experiência de vida de vocês, mas eu creio que também pelos textos literários, pelas conversas, pelas poesias, vocês têm condição de acesso a esta experiência que

---

fiel à sequência de teorias e atitudes, mas como a biografia de uma única pessoa, não visando senão a uma aproximação metafórica do que ocorreu efetivamente na consciência dos homens [...]". Referência: Arendt, Hannah. Prefácio: A quebra entre o passado e o futuro. In: _____. *Entre o passado e o futuro.* Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016c [1961], p. 28-42.

17 Hajo Holborn foi um historiador germano-americano, especialista em história moderna alemã. Deixou a Alemanha durante a ascensão do Nacional-Socialismo, partindo para o Reino Unido e, logo após, para os Estados Unidos, em 1934. Obteve a cidadania estadunidense durante a Segunda Guerra Mundial. Entre as universidades que lecionou, destacam-se a Universidade de Yale, Tufts, Massachusetts e Viena.

18 Raymond Aron foi um filósofo, sociólogo, historiador e jornalista francês. Lecionou, entre tantas instituições, na Universidade de Sorbonne, École Pratique d'Hautes Études, Collège de France (EPHE), Berkeley e nas Gifford Lectures. Foi amigo pessoal de Hannah Arendt, conhecendo-a em um de seus cursos na EPHE, durante o primeiro exílio da pensadora. Nas décadas de 1950 e 1960, tornou-se um crítico de Arendt e, simultaneamente, um dos agentes empenhados na divulgação da obra arendtiana na França.

19 De acordo com as datas de publicações e o interesse de Arendt em discutir a questão da ação, obediência e responsabilidade, provavelmente o livro mencionado por Lafer seja: Aron, Raymond. *Les guerres en châine*. Paris, Gallimard, 1951.

20 William Cuthbert Faulkner foi um escritor norte-americano, considerado um dos maiores romancistas do século XX. Recebeu o Nobel de Literatura de 1949. Hannah Arendt, entre os trabalhos de Faulkner, periodicamente citava e se inspirava no romance *Fábula* de 1955.

o livro de texto, por mais qualificado que seja, não pode fornecer"[21]. No meu ensaio sobre o curso[22], eu conto que ele foi antecedido por um curso mais ou menos da mesma natureza que ela tinha dado anos anteriores em *Berkeley* e dois anos depois na *New School for Social Research,* o mesmo curso com acréscimos, fruto naturalmente do andamento do nosso próprio curso. Tem uma observação do professor Reale[23] que eu gosto muito, e dizia assim: "as janelas do Espírito se abrem por dentro". Então, naturalmente, ninguém mais qualificado do que um grande professor para ajudar a abrir as janelas. Foi o meu caso com a experiência memorável deste curso. Este curso que ela deu depois na *New School for Social Research* e que a Elisabeth Young-Bruehl[24] e o Jerome Kohn[25] também assistiram e, tanto eles como eu, ficamos profundamente impactados pela dimensão de revelação que esse curso oferecia, tanto que o Jerome virou, e é hoje, o testamenteiro executivo e literário dela; publicou

---

21 A compreensão de Hannah Arendt, mencionada por Celso Lafer acerca da possibilidade de acesso do que ainda pode ser conhecido da experiência vivida outrora, manifesta-se em diferentes ocasiões em sua obra. Segundo Arendt, no ensaio *Walter Benjamin*, de 1968, "uma metáfora estabelece uma conexão que é sensorialmente percebida em sua imediaticidade e dispensa interpretações". No mesmo ensaio, ainda ressalta que "as metáforas são os meios pelos quais se realiza poeticamente a unicidade do mundo". Além disso, na sua primeira obra póstuma, *A Vida do espírito* de 1978, Arendt afirmou que "analogias, metáforas e emblemas são fios com que o espírito se prende ao mundo, mesmo nos momentos em que, desatento, perde o contato direto com ele; são eles também que garantem a unidade da experiência humana". Referências: Arendt, Hannah. Walter Benjamin (1892-1940). In: _____. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008c, p. 165-222. Arendt, Hannah. *A Vida do espírito:* o pensar, o querer, o julgar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017a.

22 Referência: Lafer, Celso. Experiência, ação e narrativa: reflexões sobre um curso de Hannah Arendt. In: _____. *Hannah Arendt:* pensamento, persuasão e poder. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018b [2006].

23 Miguel Reale foi um jurista, filósofo, ensaísta, poeta, memorialista e reitor da Universidade de São Paulo (USP). Ocupou o cargo de secretário da Justiça do Estado de São Paulo de 1949 a 1950, e de 1969 a 1973. Ocupou a 14º cadeira da Academia Brasileira de Letras, outrora de Fernando de Azevedo. Foi sucedido pelo seu amigo e ex-aluno Celso Lafer.

24 Elisabeth Young-Bruehl foi uma filósofa, psicoterapeuta e psicanalista estadunidense. Na década de 1960, conheceu Hannah Arendt na *New School for Social Research* a qual viria a ser sua orientadora de doutorado. Após o falecimento de Arendt em 1975, foi convidada por seus amigos e colegas a biografá-la. Tal projeto foi executado e resultou na primeira biografia de Arendt, intitulada *For Love of the World* (Por amor ao mundo), publicada em 1982.

25 Jerome Kohn foi aluno e orientando de doutorado de Hannah Arendt. Mesmo não concluindo a tese, Jerome Kohn permaneceu amigo e leitor assíduo dos textos de Arendt. Após a morte da autora, Kohn foi elevado à figura de testamenteiro, compilando os trabalhos esparsos, traduzindo textos e investindo na investigação do pensamento arendtiano. Pode-se dizer que, no âmbito internacional, Jerome Kohn desempenha um papel fundamental na expansão da fortuna crítica de Hannah Arendt, uma vez que seu trabalho trouxe e traz novas revelações.

também uma série muito significativa de textos inéditos da autora. Elizabeth escreveu a primeira biografia dela, *For Love of the World*[26], que no meu entender é, apesar de ela ter sido objeto de outras biografias sucessivas, a melhor biografia porque é muito reveladora da personagem Hannah Arendt que eu conheci. A própria Elisabeth disse que, quando ela escreveu, Hannah Arendt não tinha se tornado essa figura pública tão conhecida como veio a se tornar. Diz ela: "um biógrafo tem como razão de escolha biografar alguém cuja vida considera interessante e importante"; e é claro que, por conta da experiência de vida tida no convívio com ela, construiu esta biografia que ao meu ver é muito reveladora[27]. Você que está preocupado com o tema da compreensão histórica, este livro foi para mim altamente esclarecedor do que significou o século XX, mais tarde dito como uma era dos extremos que continuam tendo, de maneira específica, a sua continuidade; e acho que esta maneira dela apresentar o curso foi muito esclarecedora.

5 - O senhor comentou no finalzinho da sua fala que, quando saiu a primeira biografia, Arendt não era tão conhecida, não estava nesse rol de escritoras clássicas e famosas. Nesse período, nos Estados Unidos, quando a conheceu e fez o curso com ela, já havia uma imagem de Hannah Arendt lá circulando? E se havia, qual era ou quais eram essas imagens?

DR. CELSO LAFER: Bom, eu diria, reiterando o que disse anteriormente, quando fui aluno dela, ela era uma pessoa conhecida, tinha transposto as fronteiras do mundo acadêmico e se inserido na grande discussão pública, com a publicação de *Origens do totalitarismo*. Ela era tida como uma pessoa de peso e erudição, mas uma pessoa não necessariamente consensual e para isso contribuem várias razões. Como ela mesmo disse, naquele importante seminário sobre ela, da qual participou em Toronto, "I somehow don't fit", "eu não me

26 Referência: Young-Bruehl, Elisabeth. *Por amor ao mundo:* a vida e a obra de Hannah Arendt. Tradução Antônio Trânsito. Revisão técnica de Eduardo Jardim de Moraes. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

27 Celso Lafer escreveu o posfácio para o livro *Homens em tempos sombrios* no qual discorre sobre a biografia de Arendt. Nesse texto, o pensador aproveita a ocasião para resenhar o livro *Por amor ao mundo* de Young-Bruehl. Referência: Lafer, Celso. Hannah Arendt: vida e obra. In: Arendt, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [1987], p. 191-312.

ajusto"[28]. Então, primeiro porque havia sempre uma discussão sobre como inseri-la nos campos acadêmicos, o que ela fazia? Fazia teoria política? Fazia história? Fazia filosofia? Então, ela era transversal e multidisciplinar. Primeiro ponto, ela não se enquadrava nas categorias acadêmicas tradicionais. Segundo ponto: sua persona política também não era consensual. O que ela era? Uma mulher de esquerda? Era uma mulher conservadora? Ela mesmo disse: "muitos acham que eu sou uma maverick". Então, enfrentou as críticas da esquerda porque equacionou o stalinismo com o totalitarismo, numa época em que Stalin era tido com o guia genial dos povos. Por outro lado, ela também tinha esse gosto pela tradição política clássica. Alguns já diziam que ela sofria de nostalgia helênica. Então, como muitos dos capítulos de *A Condição humana*; e além dessas, "*Somehow I don't fit*" e a história de em que campo acadêmico ela se insere, havia também um outro aspecto: ela sempre teve uma atitude que é parte fundamental em sua obra que é "pensar pela própria cabeça sem o corrimão de conceitos consagrados"[29]. Isto de um lado é sempre muito estimulante, mas também era algo que provocava reações mais negativas. Então, quando eu voltei ao Brasil, eu queria me dedicar à recepção da obra dela.

6 - Em que ano foi isso?

DR. CELSO LAFER: Isto foi em 1970, e a primeira preocupação era qual dos muitos livros dela deveria ser o ponto de partida. No meu entender, também de conversa com ela, o ponto de partida devia ser *Entre o passado e o futuro* porque, na opinião dela, era o livro que correspondia muito àquilo que era a contribuição e a maneira dela de pensar[30]. Não tinha a dimensão polêmica

---

28 O evento mencionado foi o Colóquio sobre a obra de Hannah Arendt, organizado pela Sociedade de Toronto para o Estudo do Pensamento Social e Político, patrocinado pela Universidade de York e pelo Conselho do Canadá, ocorrido em novembro de 1972. Arendt foi convidada para discutir e palestrar. Entrou em debate com pensadores como C. B. Macpherson, Christian Bay, Michael Gerstein, George Baird, Hans Jonas, F. M. Barnard, Mary McCarthy, Richard J. Bernstein, Hans Morgenthau, entre outros. Após o falecimento de Arendt, o evento foi transcrito e publicado. Referência: Arendt, Hannah. Hannah Arendt sobre Hannah Arendt. In: _____. *Pensar sem corrimão:* compreender 1953-1975. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021b [1972], p. 499-532.

29 Celso Lafer discorreu longamente sobre essa temática em sua palestra intitulada *O desafio de pensar sem corrimão de categorias consagradas*, realizada no *IX Ciclo de conferências Século XXI: paradigmas em crise*, organizado pela Academia Brasileira de Letras, em novembro de 2013.

30 Celso Lafer, no texto *Da Dignidade da política*, prefácio de *Entre o passado e o futuro*, afirmou que no livro "está contido, praticamente, ainda que de forma um tanto dispersa, todo o temário de sua obra, constituindo-se, portanto, num excelente ponto de partida para uma tentativa de

do relato sobre o *Eichmann*, nem digamos assim as dificuldades filosóficas importantes de *A Condição humana*, ou o tamanho de *Origens do totalitarismo*. Então, eu conversei com Jacó Guinsburg[31], da Editora Perspectiva, e ele gostou da ideia. A escolha do livro também foi fruto de conversas que eu tinha até tido com ela e foi assim que o livro foi publicado. Isso foi o primeiro passo. Depois, naturalmente, eu tentei conversar com as pessoas para ver que interesse elas tinham ou poderiam ter pela obra dela[32]. Entre as pessoas com quem eu conversei muito estava o Marcílio Marques Moreira[33] que tinha sido aluno dos alunos do Voegelin que fez a resenha[34] das *Origens do totalitarismo*, e ele tinha muito interesse pela obra dela. Falei muito com Merquior[35] que era muito meu amigo e também mostrou muito interesse por ela. Mas, Merquior tinha sempre a preocupação com aquilo que ele chamava de fantasma român-

---

interpretação e organização de seu pensamento". Tanto a tradução, quanto o texto de Lafer, são considerados pela fortuna crítica como pontos de partida da recepção da obra da Hannah Arendt no Brasil. Referência: Lafer, Celso. Da dignidade da política. In: ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016 [1972], p. 9-27.
Em comemoração dos 110 anos de Arendt, Celso Lafer explicitou os motivos que levaram à escolha do livro *Entre o passado e o futuro*. Afirmou que o livro foi escolhido como primeira tradução, "por escolha dela própria, pois como me disse explicando sua opção, quando discutimos as prioridades de sua presença intelectual no país, era obra que correspondia com precisão e menos polêmica que os outros dois já mencionados ao *modus operandi* do seu trabalho de pensadora". Referência: Lafer, Celso. Hannah Arendt: 110 anos. *Revista Brasileira*, v. 6, n. 90, p. 73-76, jan./fev. 2017.

31 Jacó Guinsburg foi um crítico de teatro, ensaísta, professor e diretor-presidente da Editora Perspectiva. Escreveu inúmeros artigos para o Suplemento Literário de O Estado de São Paulo, sendo considerado o mais importante especialista em teatro russo no Brasil.

32 Celso Lafer menciona, na *Introdução à primeira edição*, de forma mais aprofundada o caminho que procurou seguir logo após regressar dos EUA ao Brasil, ao final da década de 1960. Referência: Lafer, Celso. Introdução à primeira edição (1979). In: _____. *Hannah Arendt:* pensamento, persuasão e poder. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018e, p. 15-22.

33 Marcílio Marques Moreira é um diplomata e professor de Ciência Política na UERJ e PUCRJ. Concluiu o mestrado em ciência política na Universidade de Georgetown, onde, posteriormente, foi elegido como *alma mater*. Foi ministro da Fazenda do Brasil de 1991 a 1992. Além disso, teve influência decisiva na escolha e processo de tradução do livro *Origens do totalitarismo* em 1975.

34 A resenha mencionada foi dividida em duas partes, separadas por uma resposta pessoal de Arendt a Voeglin, conforme a sequência abaixo: Voegelin, Eric. The Origens of totalitarianism. *The Review of Politics*, v. 15, n. 1, p. 68-76, 1953b. Arendt, Hannah. A Réplica. *The Review of Politics*, v. 15, n. 1, p. 76-84, 1953. Voegelin, Eric. Considerações finais. *The Review of Politics*, v. 15, n. 1, p. 84-85, 1953a.

35 Merquior foi um crítico literário, ensaísta, diplomata, sociólogo e cientista político. Sucedeu a Paulo Carneiro na 36º cadeira na Academia Brasileia de Letras. Concluiu o doutorado na Universidade de Paris e foi eleito como *alma mater* da London School of Economics. Filiou-se à *História das Ideias* de vertente alemã. Empenhou-se em analisar e contribuir com o avanço do liberalismo, sendo reconhecido mundialmente por sua aguçada crítica e amplo horizonte reflexivo.

tico. Então, a irracionalidade que achavam que eu tinha, na verdade tinha até um certo equilíbrio, porque o contraponto da Hannah Arendt na minha reflexão era o Bobbio e a combinação dos dois era positiva[36]. O professor Reale se interessou muito por ela, com uma dificuldade: a reflexão do Reale pensava a história como um processo de aquisições cumulativas e a ideia da ruptura não era a orientação dele. Destas conversas, quem se deixou muito instigado pela obra da Hannah Arendt foi meu amigo, colega de turma e companheiro fraternal, Tércio Sampaio Ferraz[37] e, naturalmente, o que ele no primeiro momento mais gostou foi a análise de *A Condição humana*. A dimensão de *labor* e a diminuição do *homo faber,* e como é que isso poderia esclarecer um direito que se tornava cada vez menos a obra acabada, por exemplo, o Código Civil, e cada vez mais a produção incessante de normas e de leis. Então, a ideia do *labor* foi parte da reflexão dele nesta matéria. Também, nessa época, Weffort, que era professor da Faculdade de Filosofia, deu um curso em que comparava Gramsci e Hannah Arendt. A ideia dessa comparação, Gramsci e Hannah Arendt, era ver como eles tratavam cada um à sua maneira o problema da revolução. Claro que havia aí um diálogo interessante entre as duas perspectivas que o animava. Somente a perspectiva de esquerda, ainda que não fechada, também o incomodava com esta identificação entre Nazismo e Comunismo, uma discussão que a própria Hannah Arendt, também em trabalhos posteriores, discutiu. Para dizer que, enfim, o Nazismo do ponto de vista de elaboração é uma coisa muito primitiva, muito pouco consistente, ainda que tenha correspondido a valências emocionais. Ao passo que o Comunismo vinha de uma tradição filosófica importante, e era por isso que ela pretendia escrever o que não escreveu: um ensaio maior sobre Marx; se tinha ou não elementos autoritários em Marx, esse é um tema[38]. Aproveitou o que

---

36 A aproximação entre Arendt e Noberto Bobbio é ampla e significativa para a compreensão da obra de Celso Lafer, pois são seus dois pilares teóricos. Para mais informações, recomendamos ler: Lafer, Celso. Hannah Arendt e Noberto Bobbio: uma proposta de aproximação. In: Correia, Adriano (Org). *Hannah Arendt e a condição humana.* Salvador: Quarteto, 2006.

37 Tércio Sampaio Ferraz é um jurista e professor da USP. Concluiu o doutorado de Filosofia pela Universidade de Mainz e de Direito pela USP, na qual teve como orientador Miguel Reale. Ocupou o cargo de Procurador-Geral da Fazenda Nacional de 1991 a 1993.

38 Logo após publicar *Origens do totalitarismo*, em 1951, Arendt se viu impelida a mapear os sinais da crise e da ruptura com a tradição no âmbito teórico. Neste percurso, propôs uma nova relação com o *mundo comum* e seu passado, priorizando em sua análise a obra de Karl Marx. Desse modo, propôs o projeto de pesquisa *Os Elementos totalitários no marxismo*, de 1952 a 1956. O projeto resultou em diversos ensaios que se seguiram até o julgamento de Karl Eichmann, em 1961. Desse projeto, os escritos mais notáveis são *A Condição humana*, de 1958, *Entre o passado e o futuro,* de 1961, e *Da Revolução*, de 1963. Tal período é caracterizado pelas biografias da Arendt

ela estudou sobre Marx, sobretudo em *A Condição humana*, e nós encontramos ecos de partes das leituras que ela fez nos *Diários de Pensamento*, um livro extraordinário do atelier do pensamento dela.

7 – Você comentou que, após a conclusão do doutorado, manteve contato com Arendt via cartas e em 1972 foi publicado o primeiro livro dela aqui no Brasil. Nesse período, no qual o senhor manteve contato com ela, havia a discussão dela vir para o Brasil?

DR. CELSO LAFER: Não, não, não, claro que eu teria apreciado se essa ocasião tivesse surgido, mas ela, nesta fase, estava com a saúde mais frágil, o marido tinha também falecido[39]. Em matéria de viagens, ela fez as viagens porque você se lembra que quando ela foi dar as conferências *Gifford*, da qual saiu *The life of the mind,* ela deu a primeira e depois teve um ataque cardíaco, foi para o hospital. Ela voltou para dar a segunda, e a terceira não chegou a dar porque morreu antes, tendo só feito a epígrafe[40]. Então, eu conto, se terá visto isto, que o único contato dela com o português tinha sido no período em que ela passou por Portugal a caminho dos Estados Unidos. Morou alguns meses lá, mas não muitos[41]. Ela tentava, vamos dizer assim, ler os jornais para ver se acompanhava um pouco as coisas; o latim a ajudava um pouco, mas não muito. Uma vez fui a Lisboa e fui ver o local, uma espécie de casa de pensão onde ela ficava, para ter uma ideia. Parece que tem algumas pessoas em Portugal que estão tentando rastrear o que foi esse período dela e

---

como *reconciliação com o mundo*. O impulso investigativo arendtiano mencionado por Celso Lafer corresponde na obra da Hannah Arendt ao projeto de pesquisa intitulado *Os Elementos totalitários no marxismo* que perdurou de 1952 a 1956.

39 Heinrich Friedrich Ernst Blücher, segundo marido de Hannah Arendt, foi um poeta e filósofo. Participou da fundação da vertente *Partido Comunista da Alemanha – Oposição* (KPD-O) em 1928. Foi professor nos EUA no *Bard College*, onde recebeu o título de doutor honorário, em 1968. Faleceu no dia 31 de outubro de 1970.

40 Hannah Arendt já trabalhava em *The Life of the Mind* quando foi convidada a ministrar as Conferências Gifford, na Universidade de Aberdeen, na primavera de 1973. A afirmação de Lafer é plenamente assertiva, pois Arendt aproveitou a conferência para elaborar a primeira seção, intitulada *Pensar*. Retornou em 1974 para uma nova rodada, na qual pronunciou-se sobre a segunda seção, intitulada *Querer*. Contudo, sofreu um ataque cardíaco em meio à conferência. Mesmo se recuperando, não chegou a proferir a terceira seção, que já havia recebido o título de *Julgar*.

41 Segundo Laure Adler, Hannah Arendt permaneceu quatro meses em Lisboa até embarcar no dia dez de maio de 1941 rumo aos EUA. Referência: Adler, Laure. *Nos passos de Hannah Arendt*. Tradução Tatiana Salem Levy e Marcelo Jacques. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 189.

de tantos outros que viveram em Lisboa nesta passagem da Europa para os Estados Unidos. Então, eu brinquei com ela, quando eu mandei a minha primeira minuta do texto em português, disse: "pois, olha, a senhora vai ler com facilidade porque a senhora é uma latinista; e Camões, nos Lusíadas, defende os portugueses porque o português é muito próximo do latim". Eu, até aí, usava uma boa tradução que dizia "and the language which , if one lets fancy range, one takes for Latin with but little change". Aí ela me mandou uma resposta dizendo que tinha procurado entender alguma coisa, mas que isso evidentemente não era suficiente. Mas eu fiz um resumo em inglês daquilo que escrevi. Nessa história de línguas, isso é sempre muito interessante; ela escreveu a maior parte da obra dela em inglês com as dificuldades de quem não tinha o inglês como sua língua materna, mas era a língua que ela sabia se exprimir e se valer. Eu fui aluno dela em inglês e ela tinha também aqueles que ajudavam a "englischa" o texto dela. Agora, as suas obras que depois foram publicadas em alemão, ela mesmo traduziu, são frutos da pena dela. O Tércio, que leu *A Condição humana* em inglês e leu em alemão *Vita Activa*, diz que há variações que não alteram a lógica geral, mas que são muito interessantes[42]. O Adriano Correia, que se ocupou da edição revista de *A Condição humana*, também identifica isto. É no livro que ele está terminando de escrever sobre as controvérsias jurídicas do caso Eichmann que ele também entra numa discussão dessa natureza sobre o que é humano, o que que é a situação humana, por que em alemão ela diz isso, por que que em inglês sai de outra maneira[43]. Agora, ela mesmo me dizia que quando se tratava de francês, ela acompanhava a tradução com muito cuidado e também fazia as correções que julgava importantes porque estava à vontade com o francês; ela morou na França muitos anos, então o francês era uma língua com a qual ela estava à vontade, mas isso não incluía o português.

42 Importante pontuar que *The Human Condition* teve seu título traduzido para o alemão como Vita activa.

43 O livro citado é: Correia, Adriano. *O Caso Eichmann:* Hannah Arendt e as controvérsias jurídicas sobre o julgamento. São Paulo: Edições 70, 2023.

8 – A partir de 1970, você comentou que cada geração tem o dever de receber o legado, elaborar o seu próprio e dar continuidade a ele. Tendo em vista as décadas de 1970 e 1980, no seu ponto de vista, qual era ou ainda é o principal legado arendtiano que o senhor tentou irradiar aqui no Brasil?

DR. CELSO LAFER: Eu desenvolvi, você conhece a ideia, que Hannah Arendt cresceu de relevância em todos os quadrantes intelectuais e que ela virou um clássico, na acepção de Bobbio: "o clássico é um intérprete autêntico do seu período". Ela suscita infinitas leituras e releituras que é o que explica a multiplicidade de análise e exegeses da sua obra. E ela nos fornece conceitos e categorias com as quais nós continuamos nos ocupando até hoje[44]. Bom, e por isso, como dizia o Calvino, "o clássico é aquele cuja obra nunca termina de dizer o que tem para dizer"[45]. *Origens do totalitarismo* recentemente virou uma espécie de *best seller.* Estava querendo entender o que era e o que estava acontecendo, então achou que uma obra como *The Origins* podia ser com interpretação autêntica do século XX, uma chave para a compreensão dos problemas contemporâneos. Quanto à multiplicidade de leituras, elas são absolutamente muito variadas. Há as interpretações dos contemporâneos da Hannah Arendt que têm um certo tipo de sensibilidade, o Voegelin é um exemplo, o Raymond Aron é outro, o Hans Jonas é outro, o Erich Heller é outro. São contemporâneos da Hannah Arendt que lidam com a obra dela. Bom, você tem os primeiros alunos da Arendt, entre eles a Elisabeth Bruehl. Esse livro[46] dela é extraordinário para explicar o porquê da importância da pessoa e da obra. Depois, você tem alguém como Jerome Kohn que foi o último assistente dela e que se dedicou a publicar o conjunto imenso de textos dispersos e inéditos dela e que, naturalmente, é próximo do que era a lição viva da palavra dela. Bom, você tem gerações que se seguem, e cada um vai tratando dos assuntos que lhe dizem respeito, como a Dra. Cláudia

---

44 A primeira ocasião que Lafer elabora sua análise, de modo extenso e detalhado a respeito dos pontos que levaram a obra de Hannah Arendt à posição de clássica, foi no texto *Na confluência entre o pensar e o agir.* Referência: Lafer, Celso. Na confluência entre o pensar e o agir: sobre uma experiência com os conceitos de Hannah Arendt. In: Duarte, André.; Lopreato, Christina.; Brepohl, Marion. (Orgs.). *A Banalização da violência:* a atualidade do pensamento de Hannah Arendt. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004, p. 335-351.

45 Referência: Calvino, Italo. *Por que ler os clássicos.* Tradutor Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

46 Refere-se à biografia *Por amor ao mundo* de Young-Bruehl.

Perrone-Moisés[47] aqui presente, entre outros. Mas, enfim, os que estão preocupados com republicanismo, em que medida ela é uma chave para entender o republicanismo. Depois, em que medida ela é uma chave para entender a condição feminina. Depois, outra série, porque que ela ajuda a entender paz, guerra e as relações internacionais etc. Por que ela é uma chave para entender a condição judaica? Assim, você tem vários tipos de livros, cada um vai tratando dos assuntos que lhe dizem respeito. Como eu dizia, citando Ortega: "a geração é uma grande categoria, cada geração é uma forma especial de sensibilidade e cada geração tem uma dupla tarefa: receber aquilo que foi o legado dos seus antecessores e elaborar a sua própria visão das coisas"[48], seja de maneira cumulativa, seja de maneira polêmica. Por conta de Arendt ter se transformado em clássico, as gerações vão lidando com isso também à luz dos temas que lhe dizem respeito. Por exemplo, há duas biografias relativamente recentes da Hannah Arendt: uma da Ann Heberlein e uma da Grunenberg[49]. A biografia da Grunenberg, eu acho uma grande biografia. Ela está preocupada com relações intelectuais, enfim, o amor e as relações intelectuais para tentar entender o que foi o relacionamento da Hannah Arendt com o Heidegger, que evidentemente suscita natural curiosidade; de um lado, por parte do desejo de conhecer a vida alheia que parece mais generalizada no mundo do que o austero professor diria, mas é. Você tem aí duas figuras da maior importância no mundo intelectual do século XX, o livro levanta questões como por que ela também reatou as relações com Heidegger depois do Nazismo, sendo ela quem era, sendo ele quem era? Então, acho que o livro da Grunenberg é ótimo. O outro livro também é interessante, de menor voo, mas é interessante porque discute de um lado o perdão, tema que a professora Cláudia Perrone-Moisés também gosta porque também é uma maneira de lidar com a relação dela com o Heidegger a partir de uma pessoa que vinha do mundo analítico. O que é o perdão? O perdão está ligado também às coisas da anistia e do esquecimento. Temas com que a Cláudia Perrone-Moisés se

---

47 A professora Cláudia Perrone-Moisés estava presente na entrevista como convidada de Celso Lafer e ouvinte do depoimento. Atualmente é professora Associada do Departamento de Direito Internacional e Comparado da Faculdade de Direito da USP e Coordenadora do Centro de Estudos Hannah Arendt. Foi orientanda de mestrado e doutorado de Celso Lafer.

48 Ortega y Gasset, José. *El tema de nuestro tiempo.* 13. ed. Madri: Revista de Occidente, 1958.

49 Biografias mencionadas: Heberlein, Ann. *Arendt:* entre o amor e o mal: uma biografia. Tradução Kristin Lie Garrubo. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. Grunenberg, Antonia. *Hannah Arendt e Martin Heidegger:* história de um amor. Tradutor Luis Marcos Sander. São Paulo: Perspectiva, 2019.

preocupa porque o perdão, como a própria Hannah Arendt diz, "interrompe a cadeia daquilo que você não pode mais mexer" que é a realidade[50]. Dá para lidar com isso etc e tal. Então, são temas que interessam e que acabam aparecendo em vida. *A banalidade do mal*, que é o tema de permanente discussão, virou como diriam os americanos, *catch word*, aparece em qualquer publicação, como "Brumadinho e a banalidade do mal". Então é uma expressão de muitos significados. Ela explica o que ela entende. Ela acha que o mal não é profundo, é superficial, mas pode se espalhar pela terra como um fungo e destruir, nesse sentido é claro que esse capítulo, essa palavra ajuda a organizar[51]. Do meu ponto de vista pessoal, a primeira e mais significativa coisa, o conceito que eu procurei elaborar a partir dela é a história do direito a ter direitos, da qual saiu o meu livro *A Reconstrução dos Direitos Humanos*[52]. Foi o tema apropriado para quem é um professor de Direito, para quem está preocupado com direitos humanos, para quem está preocupado com o Direito Internacional da pessoa humana e com os problemas na filosofia do Direito. Encontrei na obra dela um caminho para escrever este livro que é, talvez, o mais significativo dos que eu dediquei à obra dela. Mas outras coisas também me marcaram. Talvez uma que me marcou muito foi a ideia do juízo reflexivo como uma maneira de entender o juízo diplomático[53]. Aí já é o professor de relações internacionais e também quem teve as responsabilidades pela condução diplomática. Basicamente a ideia de você lidar com a realidade internacional não existe, não existem categorias que permitem a você fazer um juízo de subsunção, nem mesmo os precedentes porque analogia para ser relevante tem que guardar uma relação com aquilo que está ocorrendo. Então, o juízo reflexivo é sempre um juízo em que você procura extrair, do particular dos

---

50 A temática do perdão aparece, de forma mais elucidativa nos textos de Arendt, em *A Condição humana.*

51 A metáfora da *banalidade do mal* como um fungo que não possui profundidade, mencionada por Celso Lafer, encontra-se em uma resposta de Arendt ao seu amigo Scholem. Referência: Arendt, Hannah. A controvérsia Eichmann. *Uma carta a Gershom Scholem.* In: _____. *Escritos judaicos.* Baueri, São Paulo: Amarilys, 2016b, p. 755-764.

52 O livro *A Reconstrução dos Direitos Humanos* foi a tese de inscrição de Celso Lafer no concurso público para professor da Faculdade de Direito da USP. Referência: Lafer, Celso. *A reconstrução dos direitos humanos:* um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

53 Lafer aprofundou o tema do juízo reflexivo a partir de Hannah Arendt no trabalho: Lafer, Celso. O sopro do pensamento, o peso da vontade e o espaço público do juízo: dimensões filosóficas da reflexão política de Hannah Arendt. *Revista Brasileira de Filosofia,* v. XXX, n. 114, abr./jun. p. 184-200, 1979.

acontecimentos, qual é o seu alcance geral do ponto de vista de quem está pensando as relações internacionais e ao mesmo tempo tem a responsabilidade de conduzir a ação diplomática. Qual é o melhor caminho? Isso também é mais ou menos óbvio porque a *máquina do mundo*, como diria Camões, vai mudando, então o mundo não é mais exatamente igual ao que ele era antes de um determinado tempo. Quando eu fui ministro em 1992, o mundo era um, era o mundo da cooperação. Quando fui ministro em 2001 e 2002, o mundo tinha tido uma mudança do eixo diplomático devido aos ataques terroristas nos Estados Unidos. Havia mudado o capítulo, a cooperação diminuiu e as tensões de segurança aumentaram. Se você olha hoje o que está acontecendo no mundo, a guerra conduzida pela Rússia na Ucrânia é também algo que rompe com aquilo que era o padrão tido como aceitável; e o padrão tido como aceitável era o respeito pela integridade territorial dos Estados e a proibição da guerra de conquista. Foi posto na carta da ONU por conta da experiência de relações internacionais pré-Segunda Guerra Mundial e é uma regra de equilíbrio da ordem mundial porque senão ficam *free for all*. A Rússia rompeu com isso. A Rússia é uma potência nuclear, é membro permanente do Conselho de Segurança. Está criando uma série de desdobramentos de toda a natureza, é um novo, não dá para você dizer que é igual a ocupação da guerra nazista na Polônia porque são situações que se colocam em contexto diferente. Então, você tem os precedentes, você tem as regras, mas você precisa pensar qual é esta realidade e qual é a posição que cabe ao país tomar. Então, já explorando um pouco, por conta do que eu ando pensando, muito se refere às manifestações da Assembleia Geral no Conselho de Segurança. Agora, a ruptura do normal e do aceitável pela Rússia vai contra a identidade internacional do Brasil que é um país de escala continental com fronteiras consolidadas por meios jurídicos, e vive em paz com seus muitos vizinhos há mais de 150 anos. Nesse sentido, ele é um país de escala continental diferente da China, da Índia e da própria Rússia, que têm contenciosos territoriais. Isso afeta o funcionamento do BRICS, por exemplo, porque não são exatamente as mesmas perspectivas e, como dizia Ruy Barbosa, convém ao professor da faculdade de Direito citar: "neutralidade não quer dizer ser impassível, quer dizer ser imparcial e entre o justo e o injusto não cabe parcialidade". Mas, enfim, o juízo diplomático tem sido um conceito do qual eu tenho me valido. Para dar outro exemplo, a preocupação da Hannah Arendt -ela começa dizendo isto em *A Condição humana* e também no último ensaio

do *Entre o passado e o futuro*[54] - é um pouco o inédito daquilo que está acontecendo na terra e a vulnerabilidade da natureza da qual você extrai todas as preocupações sobre meio ambiente que estão na ordem do dia e assim sucessivamente. Também o conceito de autoridade, que ela elabora tão bem, que é "mais do que um conselho e menos do que um comando"[55]. No campo jurídico, o parecer tem peso na medida em que a autoridade que está lá contida, e a autoridade da qual se reveste a pessoa que redigiu o parecer. Na revista *Hannah Arendt Studies*, para a qual eu fiz um ensaio a pedido, eu disse: "olha, Hannah Arendt teve vários alunos, todos eles pessoas muito significativas, mas eu acho que o único aluno dela que exerceu funções públicas fui eu"[56]. Então, o que das ideias dela norteou a minha leitura da realidade internacional, o juízo diplomático é um exemplo, e o outro tema, sobre o que nós estamos fazendo na terra, é outro.

9 - Uma fala sem dúvida instigante, professor. O senhor comentou uma variedade de temas que o pensamento arendtiano é capaz de inspirar. Porém, em entrevista com o professor Eduardo Jardim[57], você afirmou que havia um contraste entre uma pluralidade de temas que estavam sendo abordados, a partir de 2000, e aqueles de quando você começou a se dedicar à recepção e irradiação do pensamento arendtiano, ou seja, na década de 1970 e 1980. Você poderia comentar um pouco mais sobre esse contraste?

DR. CELSO LAFER: Olha, quer dizer, eu acho que o tempo foi consolidando a percepção e a relevância da obra dela. As pessoas foram se dedicando à sua obra, à luz daquilo que as preocupava e também à luz do momento histórico. Quando você lida com *fake news*, o que ela escreveu sobre a mentira vem à

---

54 O texto mencionado foi formulado para um Simpósio sobre o Espaço em 1963 e incorporado ao livro *Entre o passado e o futuro* em 1968. Referência: Arendt, Hannah. A Conquista do espaço e a estatura humana. *Entre o passado e o futuro.* Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016a, p. 326-344.

55 Pode-se encontrar tal citação no capítulo: Arendt, Hannah. Que é Autoridade? In: _____. *Entre o passado e o futuro.* Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016d, p. 127-187.

56 A revista mencionada foi a *Pescadora de Perlas* e o artigo mencionado foi *Hannah Arendt y nosotros*. Referência: Lafer, Celso. Hannah Arendt y nosotros. *Pescadora de Perlas*, v. 2, n. 2, agosto, p. 253-268, 2023.

57 Referência da entrevista: Lafer, Celso. Entrevista a Eduardo Jardim sobre a obra de Hannah Arendt. In: _____. *Hannah Arendt:* pensamento, persuasão e poder. 3. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018a [2011], p. 329-348.

tona, como também aquilo que ela escreveu sobre a verdade na política[58]. Quando você lida com a desobediência civil e manifestações, você se interessa por aquilo que ela escreveu sobre a sua própria desobediência civil[59]. Quando você vê a irrupção de movimentos de aspiração libertária, como foi a Primavera Árabe, isso suscitou muita releitura do livro *Sobre a Revolução*. Essas histórias ligadas à justiça de transição, à memória, levantaram, também, a discussão sobre o perdão. Se pode ser perdão público, se pode ser perdão privado, como é que você lida com esses assuntos? A própria conjuntura vai colocando a história. Um dos dedicados estudiosos da Hannah Arendt, o Jonathan Schell[60], que tem um livro chamado *The Unfinished Twentieth Century*, diz que essas coisas radicais que vieram do século XX persistem; o tema dele era o problema nuclear. Bom, durante um certo tempo, muitos falavam: "olha, tem atentado, tem o equilíbrio nuclear"; você tem aí uma moldura e o assunto está relativamente pacificado. Não está, pelo contrário, tem a história da Rússia que tem um potencial uso de armas nucleares, tem a questão do Irã, a história da Coreia do Norte, quer dizer que também há por aí outras instigações. E é aí um pouco aquilo que eu dizia a você, citando o Calvino, bom, "ela nunca termina de dizer o que tem para dizer" e você encontra sempre permanentes instigações. Tem naturalmente aqueles que dizem: "ora, Arendt não é assim, ela é imprecisa, aí ela não está tão clara, ela é muito *opinionated* e há uma certa arrogância". Como professora, ela não tinha nada de arrogante. Ela era muito atenta aos alunos. Ela queria era ajudá-los. Eu conto que olhando os papéis dela na biblioteca do congresso, dos alunos do meu curso, ela tinha a lista. Na lista, ela anotou de onde vinham e quais eram os seus interesses, qual foi o texto que era de responsabilidade deste aluno expor em aula. Então, se ela guardou entre os seus papéis é sinal, entre muitos, da atenção que ela tinha, do cuidado, e a Elisabeth Young-Bruehl destaca isto muito bem na biografia dela, coisa que as outras biografias não podem fazer porque não têm os elementos de base para isso. Enfim, tem sempre uma história. Eu tive uma razoável oportunidade de conversar com ela, sem ter tido essa intimidade que

---

58 Nesse texto, Arendt resgatou críticas recebidas pelo livro *Eichmann em Jerusalém* e aprofundou questões pontuais como verdade, mentira, omissão e aparência. Referência: Arendt, Hannah. Verdade e Política. In: _____. *Entre o passado e o futuro.* Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016e, p. 282-325.

59 Sobre a desobediência civil, ver: Arendt, Hannah. Desobediência Civil. In: _____. *Crises da República.* Tradução José Volkmann. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017b, p. 49-91.

60 Jonathan Schell é um escritor, jornalista e professor estadunidense. Lecionou, principalmente, na Universidade de Yale e escreveu para o *The New Yorker.*

tanto a Young-Bruehl e o Jerome Kohn tiveram. Mas, então, ela comentou um pouco do que depois ela veio escrever; comentou o gosto que ela tinha pela poesia do Auden[61], comentou as coisas sobre o Brecht[62] e sobre os ensaios que saíram posteriormente. Contou essa história do contato dela com Portugal etc e tal. Um dia ela chegou para mim e disse: "olha sua barba não tá bonita, tá na hora de você dá um jeito nela, tá grande demais". Eu fui prontamente ao barbeiro, seguindo o conselho dela. Diria que então, se você quiser falar do meu papel da recepção da obra do pensamento dela, até na minha barba ela teve um papel! Agora, é claro que muitas dessas leituras, grande parte dessas leituras, são leituras muito interessantes dos nossos estudiosos e são reveladoras de outros aspectos que eu também não elaborei, não desenvolvi. Claro que sempre tenho o argumento que eu nunca uso. É como a história da filha de Juscelino, eu uso o argumento: "é como eu estou dizendo pois foi ela quem me disse isso", mas não dá para fazer isso porque não atende aos cânones acadêmicos de vocês todos que estão aqui reunidos dentro dessa sala.

10 - Como ela via, se é que o senhor pode responder, a historiografia do seu tempo? Porque ela cita poucas escolas históricas. Ela cita algum autor, outro autor, mas ela não fala por exemplo. Me parece que ela tem um grande desapego pela historiografia marxista. Ela não cita historiadores marxistas. Ela cita historiadores como ferramentas para o seu trabalho, mas historiografia ou linhas históricas ela não cita. Também movimento da história, ela dá uma criticada no movimento positivista e movimento marxista e fica por aí quando a gente tem nesse período diversas escolas históricas interessantes.

DR. CELSO LAFER: Ela leu muitos historiadores, mas eu acho que a sua preocupação, como ela mesmo disse, estava mais para a ideia da compreensão. Então, digamos assim, Dilthey, com a história de explicar e compreender, é sempre uma chave da maneira pela qual ela olha a história[63]. Se você pega, por exemplo, *Origens do totalitarismo*, tem muita discussão histórica e tem muita

---

61 Referência: Arendt, Hannah. Em memória de Wystan H. Auden, que morreu na noite de 28 de setembro de 1973. In: _____. *Pensar sem corrimão:* compreender 1953-1975. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021a, p. 581-592.

62 Referência: Arendt, Hannah. Bertolt Brecht (1898-1956). In: _____. *Homens em tempos sombrios*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008a [1966], p. 223-271.

63 Referência: Arendt, Hannah. Dilthey como filósofo e historiador. In: _____. *Compreender:* formação, exílio e totalitarismo (ensaios) 1930-1954. Tradução Desine Bottman. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008b [1945], p. 165-168.

preocupação com as consequências, a relação entre explicar e o compreender, por exemplo, os movimentos pan-eslavismo e pangermanismo. Bom, ela tem uma informação histórica a partir da qual ela elabora as consequências disso para a lógica do Estado-Nação e isso também rompe categorias. Ela também dá uma explicação da primeira parte das *Origens* sobre o antissemitismo como um fenômeno moderno e não um antissemitismo tradicional. Quer dizer, aquilo como instrumento de poder que é uma interpretação própria dela[64]. Ela leu naturalmente para fazer *Origens do totalitarismo*, os autores que se dedicaram à historiografia do Holocausto. Ela gostava muito do Salo Baron que era um historiador[65]. Ela se interessava também pelos historiadores das ideias que é um outro tipo de história dos amigos dela. Mas, digamos assim, ela não é evidentemente uma positivista, nem é uma marxista, mas ela é influenciada pela contribuição de Marx para dinâmica das coisas sociais do conflito etc. Isso eu acho que está presente, mas como fonte de informação, quer dizer, se você me pergunta - que é um pouco uma parte das preocupações de vocês - o que ela diz para o estudioso de História? Ela diz para o estudioso de História aquilo que os livros dela procuram transmitir, as *Origens do totalitarismo* e aquilo que ela chamou de cristalizações do que significou o antissemitismo, o que significou a expansão colonial europeia e, depois, o totalitarismo no poder. Ela se preocupou com o compreender de certos acontecimentos inseridos no jogo dos eventos, por exemplo, a violência. Agora, ela não foi uma pensadora dedicada à historiografia, às correntes historiográficas, acho eu, mas aí a melhor coisa a fazer é pegar o índice do *Diário de pensamento* dela e ver a que historiadores ela se refere. Bom, Heródoto, Políbio e todos os gregos aparecem. Mommsen é o historiador importante para ela e para História Romana. Mommsen influenciou muito. Todos os clássicos gregos, não necessariamente os nossos modernos, mas têm influência. Agora, Mommsen, esse sim é um historiador que ela percorreu com muita atenção.

---

64 Lafer chama a atenção para tal ponto na introdução, elaborada por ele, da versão brasileira de *Origens do totalitarismo* de 1975. Referência: Lafer, Celso. O antissemitismo, os judeus e o mundo moderno. In: _____. *Hannah Arendt:* pensamento, persuasão e poder. 3. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018d [1975], p. 143-156.

65 Considerado pela bibliografia especializada como um dos historiadores judeus mais influentes no mundo, Salo Baron obteve três doutorados pela Universidade de Viena (Filosofia, Ciência Política e Direito). Migrou para os Estados Unidos em 1929 e lecionou no Instituto Judaico de Religião em New York. Após a Segunda Guerra Mundial, Baron dirigiu a Jewish Cultural Reconstruction, da qual Hannah Arendt fez parte. Foi amigo íntimo de Hannah Arendt, sendo o responsável pela introdução da autora nos periódicos estadunidenses. Baron que trabalhava na Universidade de Columbia, ofereceu a Arendt a oportunidade de publicar seu artigo *De l'Affaire Dreyfus à la France d'aujourd'hui* no periódico *Jewish Social Studies*.

11 – Professor, você comentou durante sua fala, em mais de um momento, que cada geração tem preocupações diferentes. Quando você retornou ao Brasil, o contexto político já não era mais o mesmo. Esse novo contexto, no qual começou o processo de irradiação do pensamento arendtiano, foi assolado pela ditadura civil-militar. Havia algum interesse ou perspectiva sua na introdução do pensamento de Hannah Arendt neste contexto político?

DR. CELSO LAFER: Bom, sim, pois o pensamento dela foi sempre um pensamento libertário, voltado para liberdade e voltado, pelo menos, para uma leitura de republicanismo. E um pouco da história do poder vem da ação conjunta, a violência destrói o poder, não cria o poder. Enfim, havia uma série de elementos na obra dela importantes, para assim dizer, na batalha da redemocratização.

12 – Ficamos curiosos pela questão da experiência porque me parece que o senhor já foi trilhando a questão da história oral quando foi lá coletar documentação para a sua tese junto ao Juscelino e tudo mais. Como foi essa experiência?

DR. CELSO LAFER: Olha, foi muito rica porque no caso específico da minha tese, naturalmente, o governo Juscelino é um governo bastante bem documentado. Ele tinha a preocupação com documentação e contou com gente que o ajudou, como foi o caso de Francisco de Assis Barbosa. Você tem uma síntese cronológica, você tem as publicações do programa de metas, você tem muita coisa de documento. Agora, para você entender a lógica do processo decisório, porque a minha tese era uma discussão do processo decisório, era preciso identificar os atores e ver pela entrevista em que medida isso ajudava o esclarecimento das coisas. Com Juscelino foi evidentemente fundamental, como foi fundamental com Lucas Lopes, que depois, muitos anos depois, publicou um livro de história oral de memórias do desenvolvimento, mas que não tinha publicado naquela época e que teve um papel significativo, como também o Lúcio Meira. Eu também queria entender um pouco a dinâmica de como funcionaram na época os fundos vinculados do orçamento que o BNDE administrava e, depois, queria saber como funcionavam os grupos executivos. Então, basicamente dizia que ele optou por uma espécie de administração paralela, ou seja, drenou para certos órgãos que tinham um poder pelas áreas de certeza, que controlavam mecanismos de implementação. Eu tinha algumas hipóteses, mas eu precisava ver o que estava tateando. Aí o capítulo de história oral foi sempre muito importante quando eu fiz esse trabalho. Depois

eu me interessei muito pelo CPDOC e pelos trabalhos de história oral, quer dizer, não só os documentos, mas também os vários volumes de história oral que eles fizeram. Um deles, por exemplo, que eu gosto muito, entre outros, é o do Amaral Peixoto: "Artes da Política". Acho que para você entender o que foi o funcionamento da política neste período da vida dele, este capítulo de história oral é muito interessante. Você sabe, Hannah Arendt diz, em mais de uma ocasião, é uma epígrafe que ela usa da Isak Dinesen: "você é capaz de enfrentar as dores etc e tal, se você organiza na forma de uma narrativa/escrita."[66] Para ela essa dimensão é o poder redentor da narrativa e a narrativa é sempre um componente de história oral. Quer dizer, no tribunal de Nuremberg, acreditava-se mais do que nada na força probante dos documentos. No julgamento em Jerusalém, a construção do promotor se baseou nos testemunhos dos sobreviventes, deu voz às vítimas e, dessa forma, organizou a palavra das vítimas. A Leora Bilsky que é uma historiadora e jurista destacou que isto foi também uma forma de fazer justiça[67]. Os estudiosos da justiça de transição e as comissões da verdade, todas elas dão muito destaque à narrativa, não só como forma de compreensão de entendimento do que se passou, mas como forma de esclarecimento e redenção. Minha percepção, se você pega, por exemplo, também este colóquio de Toronto sobre a obra dela, claro que foi revisto etc e tal, mas ele é muito espontâneo. Então, quando pergunta: "o que você é?" "Não sou isso, não sou aquilo outro"; "como é que você pensa?", "penso sem corrimão". Na vivacidade desse diálogo é que surge isto. Os jornalistas adoram essa experiência que também posso chamar de "quebra-queixo". "Quebra-queixo" é um monte de jornalistas que te encurralam com não sei quantos microfones e pedem que você se manifeste sobre os assuntos dos mais complicados na convicção de que na oralidade você revelará mais do que no seu texto escrito. Eu nunca fui fã, como objeto, do "quebra-queixo". Sempre que eu dava uma entrevista de imprensa, eu gostava de sentar numa mesa, com os meus papéis e aí enfrentava todo mundo e dava a entrevista. As perguntas podiam ser complicadas, mas eu me sentia melhor estruturado desta maneira. Tinham alguns que foram mestres dessa história, você tem as táticas e técnicas, por exemplo: Getúlio fumava um charuto quando lhe

---

66 O trecho citado é "todas as mágoas são suportáveis se as colocamos em uma estória ou contamos uma estória sobre elas". Referência:Arendt, Hannah. *A Condição humana*. Tradução Roberto Raposo. 13. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019 [1958], p. 217.

67 Provavelmente o texto referenciado seja: Bilsky, Leora. Between justice and politics: the competition of storytellers in the Eichmann Trial. In: Aschheim, Steven A. (Org.). *Hannah Arendt in Jerusalem*. Berkeley: University of California Press, 2001.

faziam uma pergunta complicada. Ele tragava o charuto, soltava a fumaça que era o tempo que ele tinha para pensar a resposta que ia dar. Em todo caso, "quebra-queixo" em que eu me saí bem foi por ocasião do 11 de Setembro. Eu estava no seminário da Federação das Indústrias sobre integração latino-americana, Mercosul-União Europeia etc e tal e, encerrada a conferência e a discussão, eu dei uma entrevista coletiva de imprensa mais organizada, até que um dos meus colaboradores me puxou pelo paletó e eu perguntei: "você tá me censurando?". Ele falou: "não! Interrompa isso já, vamos ver na televisão o que está acontecendo antes que alguém te faça uma pergunta e você nem vai entender o que tá acontecendo". Então fomos ver. Bom, aí vimos a coisa e saí de uma montanha de jornalistas do tal "quebra-queixo". Bom, na hora, eu tive a inspiração de Hannah Arendt sobre a violência que destrói o poder. O que significa para ordem mundial, qual é o capítulo da ruptura etc e tal. Olha! Construí em cima da Hannah Arendt de uma forma pertinente. É claro que eu tinha o repertório disso a que eu podia recorrer, fazendo o juízo diplomático a partir do evento.

13 - Mas eu queria lhe perguntar, justamente pensando nessa figura do "quebra-queixo", é óbvio que quando o senhor conversou com o Juscelino era muito em relação aos aspectos do governo dele. Mas em que medida era possível ver a questão de sentimento e ressentimento na fala de Juscelino em relação ao Brasil.

DR. CELSO LAFER: Olha, nas entrevistas, uma altitude completa, sem nenhuma manifestação ao período que a gente sabe que para ele foi extremamente penoso. O exílio foi penoso, mas não era o que ele discutiu comigo e aí voltou-se para aquilo que fez e para o futuro do Brasil. O Tancredo Neves tem um estupendo discurso quando do falecimento de Juscelino. A grande oração fúnebre, das melhores que eu conheço, dizendo que o exílio deu a dimensão trágica à vida de Juscelino[68]. Quem disse foi Tancredo e não Juscelino. Aí já exilados foram todos os brasileiros; exilado foi o José Bonifácio, exilado foi Dom Pedro II, exilado foi Ruy Barbosa, exilado foi o Washington Luís etc e tal, ele também sofreu o exílio que deu o contorno da sua alta dimensão. Dante que foi o exilado, acertou as contas na *Divina Comédia* porque não sobrou pedra sobre pedra, estão todos no inferno assando até hoje, foi o poder redentor da narrativa.

68 Referência: Neves, Tancredo. Discurso proferido na sessão de 14 de setembro de 1976. *Câmara dos Deputados*. Brasília: Escrevendo a História – Série Brasileiras, 1976, p. 11050-11052.

14 - Um pouco sobre isso e muito menos muito menos trágico, eu gostaria de lhe fazer uma última pergunta. Primeiro, o senhor tendo lançado Entre o passado e o futuro, acho que em três volumes e Origens, que saiu em três livrinhos, depois saiu numa edição muito mais bonita, pergunto se o senhor sabia do sucesso que Hannah Arendt viria a gozar aqui no Brasil e se o senhor enfrentou um público hostil a Hannah Arendt? Porque eu enfrentei, dentro do campo da História, muita crítica no sentido de que Hannah Arendt não era de esquerda, de que ela tratava os pobres como ralé, de que ela não respeitava ou não levava em conta a classe trabalhadora, o seu fazer-se, suas ações e suas táticas de classe trabalhadora etc. Enfim, respondi como podia, como sabia à época, mas houve uma zanga, vamos dizer assim, um estranhamento da obra da Hannah Arendt entre historiadores de esquerda. Então gostaria de saber do senhor se houve em seu círculo esse tipo de enfrentamento e se, à época em que o senhor estava lançando, houve algo assim, qual foi a recepção?

DR. CELSO LAFER: Olha, eu enfrentei ressalvas, qualificações, mas não enfrentamento. Era de conhecimento que Arendt dizia coisas que eram importantes. Enfim, tinha primeiro aquela coisa política, o Comunismo não é igual ao Nazismo. Depois, como você pode também com facilidade dizer que ela é uma pessoa de vocação libertária, e taxá-la de insensível em relação ao drama do sofrimento humano, não! O que ela dizia e ela disse isso *On Revolution:* a piedade não é um critério político, é um critério de solidariedade, é um critério de sensibilidade. Você não organiza as instituições consolidadas pela piedade. Eu não enfrentei não, pelo contrário, na medida em que o tempo passou, todo mundo disse: "você tinha toda razão". Quer dizer, a construção do consenso em torno da obra dela, no meu caso, se refletiu em "olha, você tinha razão em chamar atenção para a importância da obra dela". Naturalmente, quer dizer, quando saiu a primeira edição do *Hannah Arendt: pensamento, persuasão e poder* que é muito menor do que está, para esta versão, o Otávio Frias Filho[69] que já era atuante na Folha, mas que tinha sido meu aluno, escreveu uma resenha muito simpática com o título "O frevo mulher de Celso Lafer".

69 Otávio Frias Filho foi um jornalista, diretor de redação do jornal Folha de São Paulo e diretor editorial do Grupo Folha. Doutorou-se em Ciência Política na USP, onde teve aulas com Celso Lafer.

15 – Por que frevo?

DR. CELSO LAFER: Porque na cabeça dele, era o que ele achava que eu fazia, me movimentando em torno do pensamento dela. E aí conto uma única e última história, deveria nem gravar, mas em todo caso, quando eu estava lendo o livro da Elisabeth Young-Bruehl, eu li aquele livro com maior entusiasmo. Então, num jantar, eu fiquei contando essa história pra Mary, minha mulher e para os meus filhos que estavam lá, inclusive os filhos do meu primeiro casamento e a minha única filha que é a Inês[70]. Então, enquanto eu falava longamente no assunto, a Inês interrompe e diz: "olha pai, se você gostava tanto dessa mulher por que que você não casou com ela?" Aí a Mary disse: "mas ela é o grande amor do seu pai". Aí o que a minha filha disse foi: "não, o grande amor do meu pai sou eu". Aí a Mary resolveu dar um golpe fatal, dizendo: "o grande amor da vida do seu pai é a mãe dele" e aí ficou uma história em casa em torno dessa brincadeira.

16 - Nós gostaríamos de agradecer muito por essa conversa e dizer da nossa admiração pela sua capacidade de relembrar momentos tão importantes da sua experiência com Hannah Arendt.

DR. CELSO LAFER: Pois, olha, tive muito prazer, eu fiz isso hoje, assim, ao contrário do que eu normalmente faço, e a Dra. Cláudia Perrone-Moisés, que foi minha aluna e colaboradora durante todo o meu período de docência, comprova que nunca chegava para uma aula sem ter preparado cuidadosamente o roteiro. E aqui eu não preparei nada, não preparei o roteiro porque vocês também não me deram as perguntas, então não deu para fazer.

17 - Mas não foi um "quebra queixo" [risadas].

DR. CELSO LAFER: Não foi, não foi [risadas].

18 – Nosso muito obrigado.

---

70 Celso Lafer primeiro casou-se com a antropóloga e escritora, Betty Mindlin, e juntos tiveram dois filhos, Manuel Mindlin Lafer e Inês Mindlin Lafer. Posteriormente, Lafer casou-se com a professora da USP, Mary Macedo de Camargo Neves.

Referências

ADLER, Laure. *Nos passos de Hannah Arendt*. Tradução Tatiana Salem Levy e Marcelo Jacques. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ARENDT, Hannah. *A Condição humana*. Tradução Roberto Raposo. 13. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

_____. A Conquista do espaço e a estatura humana. In: _____. *Entre o passado e o futuro*. Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016a, p. 326-344.

_____. A controvérsia Eichmann. *Uma carta a Gershom Scholem*. In: _____. *Escritos judaicos*. Baueri, São Paulo: Amarilys, 2016b, p. 755-764.

_____. A Réplica. *The Review of Politics*, v. 15, n. 1, p. 76-84, 1953.

_____. *A Vida do espírito*: o pensar, o querer, o julgar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017a.

_____. Bertolt Brecht (1898-1956). In: _____. *Homens em tempos sombrios*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008a, p. 223-271.

_____. Desobediência Civil. In: _____. *Crises da República*. Tradução José Volkmann. 3. ed. São Paulo: Persepctiva, 2017b, p. 49-91.

_____. Dilthey como filósofo e historiador. In: _____. *Compreender*: formação, exílio e totalitarismo (ensaios) 1930-1954. Tradução Desine Bottman. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008b, p. 165-168.

_____. Em memória de Wystan H. Auden, que morreu na noite de 28 de setembro de 1973. In: _____. *Pensar sem corrimão*: compreender 1953-1975. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021a, p. 581-592.

_____. Hannah Arendt sobre Hannah Arendt. In: _____. *Pensar sem corrimão*: compreender 1953-1975. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021b, p. 499-532.

_____. Prefácio: A quebra entre o passado e o futuro. In: _____. *Entre o passado e o futuro*. Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016c, p. 28-42.

_____. Que é Autoridade? In: _____. *Entre o passado e o futuro*. Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016d, p. 127-187.

_____. Verdade e Política. In: _____. *Entre o passado e o futuro*. Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016e, p. 282-325.

_____. Walter Benjamin (1892-1940). In: _____. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008c, p. 165-222.

ARON, Raymond. *Paz e guerra entre as nações*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2018 [1962].

BILSKY, Leora. Between justice and politics: the competition of storytellers in the Eichmann Trial. In: ASCHHEIM, Steven A. (Org.). *Hannah Arendt in Jerusalem*. Berkeley: University of California Press, 2001.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Tradutor Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CORREIA, Adriano. *O Caso Eichmann*: Hannah Arendt e as controvérsias jurídicas sobre o julgamento. São Paulo: Edições 70, 2023.

GRUNENBERG, Antonia. *Hannah Arendt e Martin Heidegger*: história de um amor. Tradutor Luis Marcos Sander. São Paulo: Perspectiva, 2019.

HEBERLEIN, Ann. *Arendt:* entre o amor e o mal: uma biografia. Tradução Kristin Lie Garrubo. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

LAFER, Celso. A Política e a condição humana. In: ARENDT, Hannah. *A Condição humana*. Tradução Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 341-352 [publicado originalmente em 1981].

_____. *A Reconstrução dos direitos humanos*: um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. Da dignidade da política. In: ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016 [1972], p. 9-27.

_____. Entrevista a Eduardo Jardim sobre a obra de Hannah Arendt. In: _____. *Hannah Arendt:* pensamento, persuasão e poder. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018a, p. 329-348 [publicado originalmente na revista *O que nos faz pensar?*: 2011].

_____. Experiência, ação e narrativa: reflexões sobre um curso de Hannah Arendt. In: _____. *Hannah Arendt*: pensamento, persuasão e poder. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018b [2006], p. 51-74.

_____. Hannah Arendt: 110 anos. *Revista Brasileira*, v. 6, n. 90, p. 73-76, jan./fev. 2017.

_____. Hannah Arendt: vida e obra. In: ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [1987], p. 191-312.

_____. *Hannah Arendt*: pensamento, persuasão e poder. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018c.

_____. Hannah Arendt e Noberto Bobbio: uma proposta de aproximação. In: CORREIA, Adriano (Org). *Hannah Arendt e a condição humana.* Salvador: Quarteto, 2006.

_____. Hannah Arendt y nosotros. *Pescadora de Perlas*, v. 2, n. 2, agosto, p. 253-268, 2023.

_____. *JK e o programa de metas (1956-1961)*: processo de planejamento e sistema político no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

_____. Na confluência entre o pensar e o agir: sobre uma experiência com os conceitos de Hannah Arendt. In: DUARTE, André.; LOPREATO, Christina.; BREPOHL, Marion. (Orgs.). *A Banalização da violência*: a atualidade do pensamento de Hannah Arendt. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004, p. 335-351.

_____. O Antissemitismo, os judeus e o mundo moderno. In: _____. *Hannah Arendt:* pensamento, persuasão e poder. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018d [1975], p. 143-156.

_____. O sopro do pensamento, o peso da vontade e o espaço público do juízo: dimensões filosóficas da reflexão política de Hannah Arendt. *Revista Brasileira de Filosofia*, v. XXX, n. 114, abr./jun. p. 184-200, 1979.

_____. Introdução à primeira edição (1979). In: _____. *Hannah Arendt:* pensamento, persuasão e poder. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018e, p. 15-22.

_____. Reflexões de um antigo aluno de Hannah Arendt sobre o conteúdo, a recepção e o legado de sua obra, no 25º aniversário de sua morte. In: MORAES, Eduardo Jardim de.; BIGNOTTO, Newton. (Orgs.). *Hannah Arendt*: diálogos, reflexões, memórias. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, p. 11-34.

NEVES, Tancredo. Discurso proferido na sessão de 14 de setembro de 1976. *Câmara dos Deputados*. Brasília: Escrevendo a História – Série Brasileiras, 1976, p. 11050-11052.

ORTEGA Y GASSET, José. *El tema de nuestro tiempo.* 13. ed. Madri: Revista de Occidente, 1958.

VOEGELIN, Eric. Considerações finais. *The Review of Politics*, v. 15, n. 1, p. 84-85, 1953a.

_____. The Origens of totalitarianism. T*he Review of Politics,* v. 15, n. 1, p. 68-76, 1953b.

YOUNG-BRUEHL, Elisabeth. *Por amor ao mundo:* a vida e a obra de Hannah Arendt. Tradução Antônio Trânsito. Revisão Técnica Eduardo Jardim de Moraes. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.